

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS NA LEITURA E NA ESCRITA: DISLEXIA E DISGRAFIA¹

José Jaires de Paiva¹

Dr. Everaldo Araújo de Lucena²

RESUMO: O papel do professor enquanto mediador de conhecimento, a didática aplicada pelo mesmo, a forma como o educando vê as dificuldades na leitura e escrita em seu dia a dia tanto na escola como na família, assim como os métodos que são utilizados na escola para despertar o interesse dos alunos pela leitura, que nem sempre é prazeroso, portanto o professor precisa levar o aluno a despertar o gosto e o interesse pela leitura, levando o aprendiz a perceber que o ato de ler e escrever é necessário para o seu crescimento enquanto cidadão e agente transformador da sociedade em que vive. Compreendemos também que a Dislexia e a Disgrafia correspondem a um dos sérios problemas encontrados no sistema de ensino- aprendizagem e que esta interfere na capacidade de leitura e da escrita dos educandos, ocasionando assim, numa série de dificuldades do aluno com a sua vivência escolar.

Palavras-chave: Dificuldades de aprendizagem. Dislexia. Disgrafia. Leitura. Escrita.

INTRODUÇÃO

A aquisição da leitura e da escrita representa um marco na história do desenvolvimento social e cultural do ser humano. Essa aquisição acontece gradativamente a partir do momento em que as crianças entram em contato com os sinais gráficos, ao iniciar seu processo de escolarização.

É previsto que esse desenvolvimento se dê através da intervenção deliberada do professor ou da pessoa que cumpra essa função. Entretanto, alguns indivíduos experimentam fracassos na aquisição ou sistematização da leitura e da escrita, determinadas por diferentes fatores.

Com o objetivo de apreensão dessas dificuldades, o presente trabalho se propõe a refletir sobre essas dificuldades que existem nas escolas, bem como, compreender os fatores que influenciam e contribuem para que elas existam.

É importante destacar que o domínio da leitura e da escrita é fundamental para a participação social e efetiva, pois, é por meio dela que o homem se comunica, tem

¹ Curso Técnico em Enfermagem e Radiologia. Escola CEAC - Centro Educacional e Aperfeiçoamento de Catolé. E-mail: jairespaiva@hotmail.com.

² Prof. Orientador Dr. Everaldo Araújo de Lucena, Bacharel em Teologia e Filosofia, Licenciado Pleno em Geografia, Filosofia e Pedagogia; Especialista em Novas Tecnologias da Educação e Psicopedagogia Institucional e Clínico; Mestre em Gestão Educacional; doutor em Ciência da Educação; Docente de Metodologia da Pesquisa Científica e TCC da FACSU pelo Departamento de Pós-graduação. E-mail: peeveraldo@bol.com.br

acesso à informação, expressa e defende pontos de vistas, partilha e constrói visões de mundo, como também produz conhecimentos. Esse processo da aquisição da leitura e da escrita é complexo e demanda uma multiplicidade de métodos e práticas capazes de despertar ao sujeito leitor a construção do hábito de ler.

Sabe-se que o processo de ensino em nossa escola, busca por melhoria na prática da leitura e da escrita, e isso só será possível se houver toda uma parceria que envolva a comunidade escolar, e de maneira especial a preocupação do professor, que se torna um fator de suma importância nesse processo, além, do mais, a participação dos pais no processo educativo, mostrando interesse e motivando a criança na sua caminhada educativa.

Temos visto que a prática da leitura e da escrita tem gerado uma discussão entre os profissionais da área da educação, tendo em vista a grande necessidade de práticas que conduzem o aluno a participar da vida em sociedade, de forma mais interativas e habituais. Outro fator importante é a falta de profissionais na escola como suporte ao professor, como psicopedagogo, fonoaudiólogo, dentre outros que podem facilitar o processo de ensino e aprendizagem das crianças.

A HISTÓRIA DA ESCRITA

Foi na antiga Mesopotâmia que a escrita foi elaborada e criada, sendo os sumérios, que desenvolveram a escrita cuneiforme, por volta de 4.000 a. C.. Esse tipo de escrita utilizava de placas de barro para registrar o cotidiano da vida das pessoas, seus trabalhos administrativos, econômicos e políticos da sociedade da época. Esse tipo de escrita foi a mais dominada durante séculos, tendo em vista, que vários povos a usaram, embora a simbologia mudasse de acordo com a língua de cada civilização, sendo as ferramentas adaptadas ao suporte da escrita. Para as plaquetas de barro, as ferramentas eram de madeira; para as plaquetas de metal, usava-se um buril. Em relação aos sinais gráficos, essa escrita era representada por desenhos que, combinados sequencialmente, representavam uma ideia, denominados *pictogramas*.

Os escribas também deram início à fonética, unindo símbolos com os sons para facilitar a leitura, desse modo, eles podiam diferenciar a linguagem falada dos objetos, propiciando o registro de pensamentos, conhecimentos, história etc.

No Egito antigo a escrita desenvolveu-se de forma bem diferenciada. Seus escribas criaram os hieróglifos (*Hieros = sagrado e gluphein = gravar; escrita dos*

Deuses) por volta de 3.000 a.C. Sua simbologia era capaz de exprimir, com clareza, qualquer coisa. Ela é mais complexa que a cuneiforme por dividir-se em três partes: os pictogramas, os desenhos estilizados e os fonogramas. Esse tipo de escrita foi importante, levando em consideração, que os egípcios deixaram seus registros em todas as áreas, contemplando desde a medicina até a educação, da agricultura aos reinados.

Outro país, que desenvolveu a escrita foi a China, em 2000 a.C.. A sua escrita perdura até os dias de hoje. É importante ressaltar, que devido as questões culturais da época, os egípcios atribuem o surgimento da sua escrita aos deuses e os chineses atribuem seu surgimento a lendas de imperadores e sacerdotes em busca de suas respostas e sonhos.

Ressaltamos ainda que o surgimento da escrita se tornou um marco importante na história da humanidade, tendo em vista, que o seu surgimento marca a separação entre a história e a pré-história iniciando o registro dos acontecimentos.

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA

A leitura exerce uma função social aos indivíduos, tendo em vista, que utilizamos no dia a dia, nas tarefas desde as mais simples até as mais complexas. Outro fator importante de ser destacado, é com relação as questões relacionadas a prática de leitura, quando se leva em consideração as pesquisas oficiais que demonstram que uma grande parcela de brasileiros não lêem competentemente e, com isso, já se torna uma preocupação com relação ao ensino-aprendizagem da leitura e a formação do leitor na escola, buscando alternativas para tornar a escola um espaço de formação de leitores críticos e competentes.

Assim, Candido (2000, p.20) observa que a literatura desempenha o papel de instituição social, pois utiliza a linguagem como meio específico de comunicação e a linguagem é a criação social. Observa-se, também que o conteúdo social das obras em si próprias e a influência que a literatura exerce no receptor fazem da literatura um instrumento poderoso de mobilização social.

A leitura é um dos meios mais importantes para a construção de novas aprendizagens, possibilitando o fortalecimento de ideias e ações, permitindo ampliar e adquirir novos conhecimentos, favorecendo a ascensão de quem lê a níveis mais

elevados de desempenho cognitivo, como a aplicação de conhecimentos a novas situações, a análise e a crítica de textos e a síntese de estudos realizados. Enfim, a prática da leitura é fundamental para o enriquecimento do vocabulário, como forma de obtenção de conhecimento, raciocínio e interpretação.

Quando temos uma prática da leitura assídua, podemos fazer reflexão de novos aspectos da vida em que ainda não tínhamos pensado, despertando assim, para o entendimento do outro e para a realidade em que estamos inseridos. Assim, a leitura se torna um instrumento importante no processo do conhecimento por propiciar o contato do leitor com diferentes formas de viver e compreender a leitura do mundo.

De acordo com os referenciais Curriculares Nacionais – PCN, Brasil (2001, p.53) considera a leitura como:

[...] um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto [...] uma atividade que implica necessariamente, compreensão nas quais os sentidos começam a ser construídos antes da leitura propriamente dita.

Nesse sentido, a leitura nos direciona a compreensão de ideias, permitindo assim, a construção de seus significados, fazendo com que os leitores se tornem críticos da sociedade em que estão inseridos.

Outro elemento importante na leitura é a mediação do professor, como forma de colaborar que o sujeito se torne um leitor proficiente, significando assim, que para o leitor ainda em formação, é preciso que os objetivos da leitura e escrita sejam estabelecidos pelo professor, o que implica, em primeiro lugar, a escolha adequada dos textos a serem lidos em sala de aula.

Nesse sentido, é importante perceber como as práticas de leitura e escrita são construídas desde o início da escolarização, devendo ser estimulada de forma que possa torna-se um hábito para o indivíduo, fazendo com que este passe a utilizar a leitura não como uma técnica apreendida, mas como um ato consciente escolhido, que leva a aumentar seus conhecimentos válidos como recreação e, conseqüentemente por proporcionar maior bem.

Partindo disso, Silva (1998, p.35) afirma que

O ato de ler é necessidade concreta para aquisição de significados e, conseqüentemente, de experiências nas sociedades onde se faz presente. Nesse procedimento não se trata simplesmente de extrair informações da escrita, decodificando a letra e palavras, trata-se de uma atitude que implica necessariamente dita.

No processo de leitura é importante a interação com a diversidade de textos escritos, já que existe também a variedade pelo gosto da leitura. Assim, seja aquela leitura por prazer, seja para estudar ou para se informar, a prática da leitura se torna primordial para o desenvolvimento cognitivo das pessoas, passando assim, a ser um de relevância social e cultural para a aprendizagem do ser humano, além, de favorecer, o aprendizado de conteúdos específicos, aprimorando a escrita.

O processo da leitura deve garantir que o leitor compreenda o texto e possa construir uma ideia sobre seu conteúdo, extraindo dele o que lhe interessa, em função dos seus objetivos. Isso só pode ser feito mediante uma leitura individual, precisa, que permita o avanço e o retrocesso, que permita parar, pensar, recapitular, relacionar a informação com o conhecimento prévio, formular perguntas, decidir o que é importante e o que é secundário.

Conforme Stmih (1991, p.17), a leitura é vista como uma atividade construtiva e criativa, tendo quatro características distintivas e fundamentais: é objetiva, seletiva, antecipatória e baseada na compreensão, temas sobre os quais o leitor deve, claramente, exercer o controle. A leitura é objetiva porque somos movidos por uma razão, intenção, uma finalidade, assim, selecionamos textos que sejam de nosso interesse, com os quais de certa maneira mantemos relação de antecipação, porque nossos objetivos demarcam as expectativas com a leitura, a qual tem a compreensão como sua base, e não consequência.

Nas séries iniciais, a leitura se torna importante no momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não o seu. Nessa interação, ela pode também estabelecer relações com a sua forma de pensar e o modo de ser do grupo social ao qual pertence.

Acreditando nisso, Abromovich (1993,p.16) afirma:

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir história... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor e ser um leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e compreensão do mundo.

Segundo Lajolo e Zilberman(1999, p.14), ser leitor, papel que, enquanto pessoa física, exercemos é função social, para a qual se canalizam ações individuais, esforços coletivos e necessidades econômicas.

Assim, uma cultura letrada, uma comunidade terá mais oportunidades da

dinâmica social, econômica da sociedade de que faz parte. Desse modo, cabe ao professor promover um processo de leitura adequado, é necessária uma leitura que inicie com o emprego de estratégias que favoreçam ao leitor uma postura crítica diante do texto, desenvolvendo a habilidade de ler nas entrelinhas.

Portanto é de extrema importância para os pais e educadores discutir o que é leitura, a importância do livro no processo de formação do leitor, bem como, o ensino da literatura como processo para o desenvolvimento do leitor crítico.

A escola deve ter um papel primordial de incentivo a leitura, fazendo com que os alunos valorize o ato de ler, não só como forma de adquirir conhecimento, mas ler por prazer, por gosto. Ao ler, entramos em contato com diversos mundos, conhecemos diversas realidades e compreendemos de fato o desenrolar dos acontecimentos. Nesse sentido, a leitura tem uma função ao mesmo tempo social e individual. E é neste universo que a criança deverá ser „convidada“ a se integrar.

Portanto, devemos pensar na leitura como necessária para o processo de ensino e aprendizagem contínuo, como também, um meio para sairmos do no “eu” e encontrarmos a liberdade de conhecer outros mundos que a leitura nos proporciona.

DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM NA LEITURA E NA ESCRITA

A dificuldade da leitura e da escrita nos anos iniciais do Ensino Fundamental é um dos temas mais discutidos no processo de ensino e aprendizagem, uma vez que podem ser superadas ao longo do processo educacional com ajuda do professor bem qualificado e interessado em trabalhar com a criança com dificuldade, buscando identificar os aspectos que interferem na sua aprendizagem.

A dificuldade em realizar a leitura é tida como um dos maiores obstáculos enfrentados pelos alunos. Preocupados com essa questão, vários estudiosos buscam caminhos que possam contribuir para o desenvolvimento da leitura.

É importante destacar, que as dificuldades apresentadas na leitura estão intrinsecamente ligadas ao desenvolvimento das habilidades na escrita, provenientes de alterações ou erros de sintaxe, estruturação, organização de parágrafos, pontuação, bem como todos os elementos necessários para a composição do texto. Também, essa dificuldade pode estar ligada a problemas ligados a alguns transtornos que a criança possa vir a apresentar.

Ressaltamos que as dificuldades de aprendizagens não são exceção no sistema educacional, ou seja, é algo comum na escola ter crianças que apresentam determinadas dificuldades não só na leitura, como também, na escrita. Para isso, precisa ser investigado, tendo em vista que muitas rotulam o insucesso da criança, a casos de dislexia, esquecendo que podem ser acarretados pelo resultado de outros insucessos sociais, políticos, culturais, educacionais pedagógicos, dentre outros.

Considerar as dificuldades de aprendizagem um problema estritamente da criança é ignorar os reflexos das dificuldades de ensino.

O estudioso Kirk (1962, p.263), define dificuldade de aprendizagem:

Uma dificuldade de aprendizagem refere-se a um retardamento, transtorno ou desenvolvimento lento em um ou mais processos da fala, linguagem, leitura, escrita, aritmética ou outras áreas escolares, resultantes de uma deficiência causada por uma possível disfunção cerebral ou alteração emocional ou ainda condutual. Não é o resultado de retardamento mental, de privação sensorial ou fatores culturais e instrucionais.

Como se pode notar é uma definição de dificuldades de aprendizagem bastante antiga e que não evidencia os problemas sociais como tendo relação com estas dificuldades.

O estudioso Garcia (1998, p.7), afirma que por muitos e muitos anos, supôs-se que todos os estudantes com dificuldades de aprendizagem havia experienciado alguma espécie de dano cerebral. Segundo este mesmo autor, atualmente a maioria das crianças com dificuldade da leitura e da escrita não é necessariamente portador de uma história de lesão cerebral. Mesmo quando a possuem, nem sempre é certo que esta é a fonte de suas dificuldades escolares.

É importante destacar que a aprendizagem da leitura e da escrita não ocorre da mesma forma para todas as crianças, e dependendo da maneira como o processo de ensino é orientado, pode ocasionar dificuldades na aprendizagem de modo geral. Sem contar, que cada indivíduo aprender de forma diferente um do outro, assim, teremos crianças que podem aprender de forma rápida, enquanto que outras, aprender de forma mais lenta. Jamais podemos padronizar a aprendizagem de forma igual para todos os sujeitos envolvidos nessa dinâmica, tendo em vista que a criança começa a desenvolver a escrita antes mesmo de ingressar na escola, por meio da visão de mundo que ela pertencia.

Todavia a criança, ao ingressar na escola, se depara com a escrita, percebendo-

a como se fosse uma atividade nova. Como o objetivo mais importante da alfabetização é ensinar a escrever, as crianças com dificuldades de aprendizagem da leitura e da escrita requerem uma atenção especial.

Um fator importante a ser destacado em relação a essa discussão é que os professores de alfabetização sabem muito pouco sobre a natureza da escrita: como funciona e como deve ser usada em diferentes situações.

Segundo Cagliari (1999, p.27):

Alguns métodos de alfabetização ensinam a escrever pela escrita cursiva, chegando mesmo a proibir a escrita de fôrma. A razão que alegam frequentemente é que a criança que aprende a escrever com letra de fôrma terão de aprender depois a escrever com letra cursiva, e isso significa o dobro do trabalho, sendo inconveniente porque pode levar a criança a confundir esses dois modos de escrever.

Há, portanto, o entendimento de que a escrita de fôrma seja mais fácil de aprender e reproduzir que a forma cursiva, talvez porque a letra de fôrma apareça com mais frequência em cartazes, livros e outros. Já a letra cursiva, é mais de uso particular e individual. Como as crianças não conseguem segurar o lápis e controlar com facilidade, traçar a letra de fôrma parece ser mais fácil.

O ideal é que a criança comece a escrever com a letra de fôrma maiúscula e depois aprenda a letra cursiva (CAGLIARI, 1997). Assim, se os professores explicarem as diferenças dessas letras e os usos que fazemos dessas formas, elas não confundirão as duas escritas, evitando assim algumas das dificuldades que elas encontram na alfabetização.

AS CAUSAS DAS DIFICULDADES DA LEITURA E DA ESCRITA

A leitura e a escrita são processos muito complexos, e as dificuldades podem ocorrer de maneiras diversas, podendo variar de criança para criança, além disso, devemos também considerar os contextos em que as crianças estão inseridas, tendo em vista, que podem influenciar no desenvolvimento da aprendizagem.

Sendo assim, devemos ter em mente que as crianças não nascem com dificuldades escolares, mas elas aparecem ao longo do processo de aprendizagem, e a dificuldade na leitura e na escrita tem sido reconhecida como um dos fatores que interferem no aprendizado e na autoestima do aluno.

Tendo em vista esse aspecto, podemos perceber que a postura adotada pelos professores em sala de aula pode ter um papel determinante na superação desta dificuldade. O professor deve transmitir à criança confiança e compreensão e evitar transmitir aflição e agonia diante das dificuldades que o aluno apresenta.

Assim, levando em consideração as discussões, essas dificuldades podem ser de ordem cognitiva, levando em consideração o contexto que o aluno está inserido e também, de ordem podem estarem ligadas a ordem neurológica, como a Disgrafia e a Dislexia.

DISGRAFIA

A Disgrafia é etimologicamente, derivada dos conceitos “dis” (desvio) + “grafia” (escrita), ou seja, é “uma perturbação de tipo funcional que afeta a qualidade da escrita do sujeito, no que se refere ao seu traçado ou à grafia.”(Torres & Fernández, 2001, p. 127); prende-se com a “codificação escrita (...), com problemas de execução gráfica e de escrita das palavras”(Cruz, 2009, p. 180).

Segundo Furtado e Borges (2007, p.141) a Disgrafia:

É a dificuldade em passar para a escrita o estímulo visual da palavra impressa. Caracteriza-se pelo lento traçado das letras, que em geral são ilegíveis. A criança disgráfica não é portadora de defeito visual nem motor, e tampouco de qualquer comprometimento intelectual ou neurológico. No entanto, ela não consegue idealizar no plano motor o que captou no plano visual. Existem vários níveis de disgrafia, desde a incapacidade de segurar um lápis ou de traçar uma linha, até apresentada por crianças que são capazes de fazer desenhos simples mas não de copiar figuras ou palavras mais complexas.

Na Disgrafia existem vários níveis, que vão desde a incapacidade de segurar um lápis ou de traçar uma linha até a dificuldade de copiar figuras ou palavras mais complexas. As crianças disgráficas mais velhas conseguem reproduzir uma palavra de forma legível, mas distorcem a sequência dos movimentos quando escrevem.

As características mais comuns que percebemos em uma criança que apresenta esse tipo de problema, podem destacar: lentidão na escrita, letra ilegível, escrita desorganizada, traços irregulares ou muito fortes que chegam a marcar o papel ou muito leves, desorganização geral na folha por não possuir orientação espacial, desorganização do texto, pois não observam a margem parando muito antes ou ultrapassando, desorganização das letras: letras retocadas, hastes mal feitas, atrofiadas,

omissão de letras, palavras, números, formas distorcidas, movimentos contrários à escrita, entre outras.

É importante destacar que as crianças que apresentam esse tipo de problema, não apresentam características isoladas, e sim, um conjunto destas acima citadas. Sendo assim, o professor e a equipe escolar deve estar atento a esses sintomas, para poder intervir de forma que criança possa desenvolver seu lado cognitivo com sucesso.

DISLEXIA

A palavra dislexia é derivada de dis=distúrbio e Lexia que, em grego, quer dizer linguagem e, em latim, leitura, portanto, dislexia é um distúrbio de linguagem e/ou leitura. A dislexia caracteriza-se por dificuldades no reconhecimento preciso de palavras (identificação de palavras reais) e na capacidade de decodificação (pronunciar pseudopalavras), e além das dificuldades com leitura, escrita e soletração, pode apresentar também déficits em outras áreas cognitivas ou acadêmicas, como na atenção e na matemática.

A Dislexia pode ser descoberta ainda na alfabetização, sendo que quanto mais cedo o diagnóstico, mais probabilidade a criança terá para se desenvolver melhor na sua aprendizagem.

De acordo com Garcia (1998, p.46), o mesmo afirma que

[...] é definida devido à presença de um déficit no desenvolvimento do raciocínio do reconhecimento e compreensão dos textos escritos. Este transtorno não é devido a retardo mental, a uma escolarização inadequada ou escassa, a um déficit visual ou auditivo, a um problema neurológico. Somente se classifica como tal caso produza uma alteração relevante entendimento acadêmico ou na vida cotidiana. Caracteriza-se por uma leitura oral lenta com omissões, distorções e substituição de palavras, com paradas, correções e bloqueios, ocorrendo também transtorno de compreensão de leitura.

É comum, as pessoas com dislexia serem erroneamente consideradas como relapsas, desatentas, preguiçosas e sem vontade de aprender o que gera uma situação emocional que tende a se agravar, especialmente em função da injustiça que possa vir a sofrer, fazendo com que a criança não tenha vontade de prosseguir nos estudos, gerando assim, desistências e ocasionando depressão.

O professor neste sentido atua como mediador auxiliando os alunos disléxicos a superarem suas dificuldades, pois ao se sentirem compreendidos e amparados

ganham segurança e vontade de colaborar. O acompanhamento especializado para estes alunos é fundamental para o seu processo de aprendizado, visto que, a dislexia afeta o desenvolvimento lingüístico da criança.

Antunes (2009) refere que se devem fornecer instruções explícitas, tal como os enunciados devem ser claros, curtos, com letras bem legíveis e espaços adequados entre as palavras. E as instruções, deverão ser complementadas com informação oral, tendo em vista, que eles compreendem melhor quando falamos, sendo importante mostrar a criança que a leitura é algo importante, mas alguém terá de ler primeiro.

A criança acometida desse tipo de transtorno tem por si só uma autoestima baixa, portanto ela necessita de ajuda de profissionais capacitados para ajudá-la a se superar aos poucos ou logo haverá evasão escolar, sendo assim, cabe á escola e ao professor mediar esse conhecimento; ciente que a dislexia tem vários níveis e grupos, cada um tendo sua especificidade deverá receber o devido tratamento sugerido por um especialista, por exemplo, psicopedagogo, psicólogo e dentre outros profissionais que poderão auxiliar no ensino aprendizagem. Morais (1995, p.21) enfatiza que “A Escola torna um ambiente aversivo e gerador de ansiedade, pois é nesse local que a criança se depara frente a frente com seus problemas e com as exigências de ter uma boa produção para poder passar de ano [...]”.

É importante que a escola avalie o aluno com dislexia de forma diferente dos outros, tendo em vista, que sua aprendizagem é diferente, evitando assim, cobranças por notas e desempenho que talvez, ele tenha dificuldade de alcançar devido a sua dificuldade.

Para compreendermos melhor a Dislexia, devemos ter em mente que é na escola que a dislexia, de fato, aparece. Há disléxicos que revelam suas dificuldades em outros ambientes e situações, mas nenhum deles se compara à escola, local onde a leitura e escrita são permanentemente utilizadas e, sobretudo, valorizadas.

Entretanto, a escola que conhecemos certamente não foi feita para o disléxico. Objetivos, conteúdos, metodologias, organização, funcionamento e avaliação nada têm a ver com ele. Não é por acaso que muitos portadores de dislexia não sobrevivem à escola e são por ela preteridos. E os que conseguem resistir a ela e diplomar-se o fazem, astuciosa e corajosamente, por meio de artifícios, que lhes permitem driblar o tempo, os modelos, as exigências burocráticas, as cobranças dos professores, as humilhações sofridas e, principalmente, as notas.

Para melhor compreender e tratar um aluno disléxico, algumas atitudes em sala de aula devem ser feitas pelo educador, para que a criança que sofre com Dislexia, consiga acompanhar as atividades e assim, possa também, se desenvolver na sua aprendizagem, como por exemplo: tratar o aluno disléxico com naturalidade, usar linguagem direta, clara e objetiva ao falar com ele, procurar sempre falar olhando diretamente para ele, sempre colocar ele numa cadeira perto do professor, verificar de forma discreta se ele está compreendendo e entendendo os conteúdos, como também, fazendo as anotações, observar sua interação com os colegas, estimular e sugerir dicas e evitar pedir coisas para fazer na frente dos colegas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A palavra impressa representa símbolos sonoros que, por sua vez, são representativos da experiência pessoal. A partir do domínio destes símbolos, a criança é capaz de se expressar por meio da escrita. Qualquer obstáculo nessa trajetória poderá significar uma dificuldade ou interferência na aprendizagem e no desenvolvimento da linguagem.

A dificuldade de aprendizagem merece a atenção dos professores, pois são eles em primeira instância que poderão identificar a dificuldade do aluno e, ao constatar que o problema é estável, encaminhá-los aos especialistas. Todavia, os professores não devem apenas aguardar que os especialistas tentem resolver sozinha esta questão. O professor é aquele com melhores condições de conhecer a realidade do aluno e manter o contato mais próximo, tendo acesso direto ao seu desenvolvimento intelectual e cognitivo.

Este artigo teve como abordagem as dificuldades da leitura e da escrita durante o processo de alfabetização, com o intuito de facilitar a aprendizagem. A intenção do mesmo foi de contribuir com a discussão sobre as dificuldades da leitura e da escrita, apresentando algumas possibilidades de contribuição para essa aprendizagem.

Entretanto, ressaltamos aqui a importância do comportamento profissional, da busca pela continuidade de estudos bem como de metodologias alternativas de trabalho para que possamos obter melhorias significativas no processo educacional. Essas melhorias, certamente devem também considerar o trabalho em sala de aula em especial com as possíveis dificuldades da leitura e da escrita dos alunos nos anos

iniciais.

Conclui-se então que: a dificuldade na leitura e na escrita é um processo progressivo que merece uma ação contínua, para que, a criança seja integrada ao processo de formação do conhecimento.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil. Gostosura e bobices**. 3 ed. São Paulo: Scipione, 1993.
- ANTUNES, Walda de Andrade. **Lendo e formando leitores**. São Paulo: Editora Global, 2009
- BRASIL, Ministério da Educação Referencial Curricular Nacional. Vol. 2. Brasília: MEC, 2001
- CAGLIARI, Luís Carlos. **Alfabetização e Lingüística**. 10 ed. São Paulo: Scipione, 1997
- CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 8. ed. São Paulo: Quatro, 2000.
- _____, Antônio. **Literatura e Sociedade**. 11 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.
- CRUZ, V. **Dificuldades de Aprendizagem Específicas**. Lisboa: LIDEL-Edições Técnicas, 2009.
- FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler em três artigos que se completam. 23 ed. São Paulo: Autores associados e Cortez, 1989.
- GARCIA, Jesus Nicasio. **Manual de dificuldades de aprendizagem**. Linguagem, leitura, escrita e Matemática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998
- JOSÉ, Elisabete da Assunção; COELHO Maria Tereza. **Problemas de Aprendizagem**. 12. ed. São Paulo, Ativa, 2001
- KIRK, S.A. (1962). **Educating exceptional children**. Boston: Houghton Mifflin, 1962
- LAJOLO, M. e ZILBERMAN, R.A **formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1999.
- MORAIS, A.M.P. **A relação entre consciência fonológica e dificuldades de leitura**. São Paulo: Editora, 1997

PIETRI, Emerson de. **Práticas de leitura e elementos para atenção docente.** 2 ed. Rio de Janeiro: Ed. Ouro. 2009

PRODANOV, C. C.; FREITAS, C. F. **Metodologia do trabalho científico:** métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013

SILVA, Ezequiel Theodoroda. **Leitura e realidade Brasileira.** 5. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997

SMITH, Frank. **Compreendendo a leitura:** uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler. 3 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991

TORRES, R. & FERNÁNDEZ, P. **Dislexia, Disortografia e Disgrafia.** Amadora: McGraw-Hill, 2001